

THAYZ GUIMARÃES  
thayz.guimaraes@oglobo.com.br

No Níger, a demanda por bandeiras da Rússia não para de crescer. Desde que o presidente eleito Mohamed Bazoum foi deposto por militares da guarda presidencial, em 26 de julho, o povo tomou as ruas da capital Niamei pedindo a expulsão dos franceses e saudando a presença de Moscou. O roteiro é semelhante ao de outros cinco golpes de Estado levados a cabo desde 2020 na região semiárida da África conhecida como Sahel e atesta o aumento da influência russa sobre ex-colônias francesas, num contexto de crises políticas, econômicas e climáticas sobrepostas à violência perpetrada por grupos jihadistas. É o que afirmam especialistas ouvidos pelo GLOBO.

Com o apoio do Kremlin, vários países africanos vêm abdicando da aliança que tinham com a França — que possui longo histórico de colonização no continente — em favor de Moscou. Nos últimos três anos, houve golpes militares no Mali, na Guiné, em Burkina Faso e no Níger, que era o último aliado do Ocidente no Sahel, faixa que se estende do Atlântico ao Mar Vermelho, limitada ao norte pelo deserto do Saara e ao sul pelas savanas do Sudão. Também houve uma tentativa de golpe na Guiné-Bissau.

—A África subsaariana luta contra o Estado Islâmico e a al-Qaeda do Magreb Islâmico desde 2011. E como a França, que tem enviado efetivos para essas suas ex-colônias, não consegue debelar os grupos jihadistas, as Forças Armadas se voltam para outras fontes, como a Rússia, que oferecem reforço para o quadro militar nacional, treinamento e novas áreas de comércio de armas e munições — explica Alexandre Santos, professor de História da África no Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

Em julho, no último dia da cúpula Rússia-África em São Petersburgo, o presidente Vladimir Putin anunciou a assinatura de acordos de cooperação militar com mais de 40 países do continente, prometendo “uma ampla gama de armas e equipamentos de defesa”, alguns com entrega gratuita — um símbolo dos seus esforços por mais influência na região. Anteriormente, anunciou a doação de até 50 mil toneladas de grãos a aliados. E em 2019, Moscou já havia assinado contratos de cooperação militar com países africanos de US\$ 10 bilhões (R\$ 49 bilhões).

**GRUPO WAGNER**

A retórica anticolonial tem servido à Rússia na expansão de sua influência no continente africano. A tese do Ocidente, em particular da França, é a de que jihadistas que operam no Sahel — Estado Islâmico, al-Qaeda no Magreb Islâmico e Boko Haram — alimentam o sentimento antifrancês. Ele está na raiz dos golpes em Mali, Guiné, Burkina Faso e agora no Níger. Segundo Yevgeny Prigojin, líder do grupo mercenário Wagner e figura central para a estratégia de Putin na África, o apoio militar fornecido pela França, com “dezenas de milhares de soldados”, não é capaz de defender a população dos grupos armados.

—É aí que surge o amor pela sociedade privada



**Mudança.** Bandeiras do Níger e da Rússia são erguidas em protestos no país que sofreu golpe mês passado, diante de base francesa na capital, em sinal claro da troca de preferências na região africana

# Golpe no Níger confirma maior influência russa em ex-colônias francesas

Desde 2020, seis golpes de Estado foram registrados na região do Sahel, hoje dominada por governos militares pró-Moscou



**Pobreza.** Ataques à democracia pioraram situação econômica e social de uma das regiões mais pobres do planeta

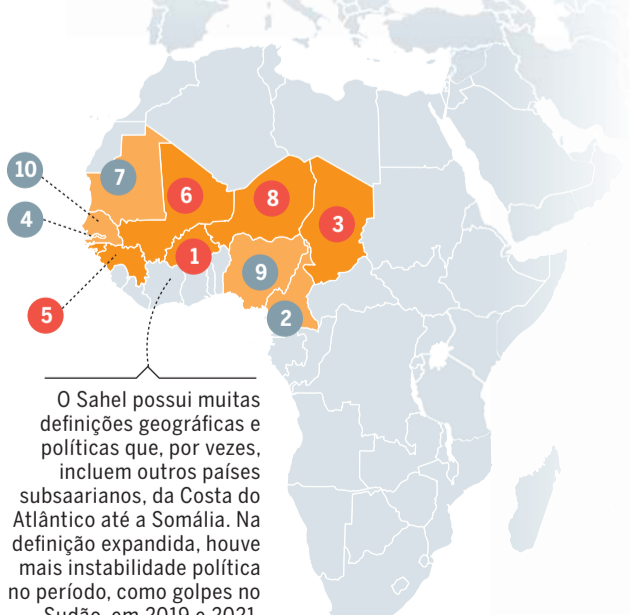
**O QUE É O SAHEL?**

Região semiárida, que separa o Deserto do Saara das savanas africanas, é afetada por constante instabilidade política

PAÍS	POPULAÇÃO
1 Burkina Faso	22.673.760
2 Camarões	27.914.540
3 Chade	17.723.310
4 Gâmbia	2.705.990
5 Guiné	13.859.340
6 Mali	22.593.590
7 Mauritânia	4.736.140
8 Níger	26.207.980
9 Nigéria	218.541.210
10 Senegal	17.316.450

● Sofreu golpe de Estado

Fonte: Banco Mundial, 2022



Wagner e sua eficácia, pois mil combatentes do Wagner são capazes de estabelecer a ordem e destruir os terroristas — defendeu Prigojin durante a cúpula realizada no fim do mês passado.

O Wagner tem laços de segurança com Mali e com a República Centro-Africana, outra ex-colônia francesa, mais um elemento a confirmar a crescente influência de Moscou na região. Fontes familiarizadas com o tema informam que os mercenários também mantém conversas com os governantes militares de Burkina Faso, responsáveis pela expulsão de tropas francesas do país.

—A Rússia e o Wagner, que, apesar de, aparentemente, terem brigado [devido ao motim do grupo contra a alta cúpula de Defesa do país, em junho], continuam umbilicalmente ligados na África, porque um respalda a presença do outro: enquanto o Wagner treina e “ajuda” a combater os grupos jihadistas em troca do direito de explorar recursos minerais na região, a Rússia apoia um golpe militar para ocupar o vácuo de influência que vai sendo deixado pela França — acrescenta Santos.

**LÓGICA DA GUERRA FRIA**

Essas disputas por influência estrangeira nos territórios africanos, considerados por alguns como “a última fronteira do capitalismo”, também ecoam a lógica geopolítica bipolar da Guerra Fria, “com novos projetos ideológicos, mas ainda centralizados, de um lado, nos Estados Unidos e na União Europeia, e de outro, na Rússia, que tem expandido suas vinculações políticas e econômicas pelo mundo para vencer o isolamento global após a invasão da Ucrânia”, comenta Kauê Lopes dos Santos, professor do departamento de geografia da Unicamp e autor do livro “Africano: uma introdução ao continente”.

— Os territórios africanos sempre estiveram, em maior ou menor medida, inseridos nas lógicas comerciais de longa distância do capitalismo. Mas estamos falando de um continente com mais de 1 bilhão de pessoas que ainda

não estão inseridas em seu pleno potencial no mercado capitalista. Isso significa um contingente gigante de consumidores e de mão de obra ainda não explorado — afirma. — Também estamos falando de um campo de batalha geopolítica por recursos naturais, entre eles urânio, ouro e petróleo.

**PRESEÇA CHINESA**

Não é só a Rússia que tenta ocupar o vácuo de influência deixado pela França — e pelo Ocidente de maneira ampla. Em 2018, a China anunciou o investimento de mais US\$ 60 bilhões (R\$ 294 bilhões) no desenvolvimento econômico de países africanos, um valor duas vezes maior do que o destinado pelo país três anos antes. Em 2022, Pequim também anunciou que perdoaria 23 empréstimos sem juros fornecidos a 17 desses países e redirecionaria US\$ 10 bilhões (R\$ 49 bilhões) de suas reservas do Fundo Monetário Internacional (FMI) para nações do continente. A época o presidente Xi Jinping foi acusado por críticos de “neocolonialismo”.

Ebenezer Obadare, membro sênior para Estudos da África do Council on Foreign Relations, centro de estudos com base em Nova York, sublinha os desafios da região, constituída por “países muito pobres” e “Estados profundamente desestabilizados”, que convivem com economias capengas e insegurança e corrupção generalizada.

—A França se envolveu em Mali, Burkina Faso e Guiné para ajudá-los a eliminar os insurgentes islâmicos, mas, com o tempo, esses países começaram a se ressentir da dependência que criaram. Então se livraram dos franceses e se aproximaram do Wagner. Mas, mais uma vez, seus recursos naturais estão sendo controlados por estrangeiros — afirma. — Não existe almoço grátis na diplomacia, mas, no fim do dia, o que esses países precisam se perguntar é: o que estamos ganhando com isso, considerando todos os benefícios e contradições? — questiona Obadare.

EDITORIA DE ARTE